

DESGRAÇA AÇORIANA E IMPROVISO COLONIAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM QUARTO DE LÉGUA EM QUADRO, DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Fábio Varela Nascimento

1 Matéria-prima açoriana

Entrevistado pelo jornal *30 dias de cultura*, em 1992, Luiz Antonio de Assis Brasil foi questionado sobre a sua matéria-prima. A resposta foi curta e clara: *a história*.¹ Nessa época, o escritor trabalhava em *A pedra da memória*, segundo volume da trilogia *Um castelo no pampa*, que traça o percurso de um político gaúcho desde o advento da república até os acontecimentos posteriores à Revolução de 1930. Notadamente, os episódios históricos estavam presentes na obra de Assis Brasil e isto já podia ser percebido desde a publicação de seu primeiro livro: *Um quarto de légua em quadro* – Diário do Doutor Gaspar de Froes, médico, de 1976.

O título e o subtítulo são indicações importantes do caminho que Assis Brasil utiliza para construir *Um quarto de légua em quadro*. O título faz alusão à extensão das terras que os colonos açorianos receberiam caso aceitassem a empreitada de viajar para o sul do Brasil no século XVIII. Isso denota a intenção, por parte do autor, de visitar o processo de imigração no Rio Grande do Sul, um dos mitos históricos da formação gaúcha.² O subtítulo, por sua vez, deixa clara a técnica narrativa utilizada pelo escritor – diário – e mostra, também, que o episódio da colonização vai ser visto pelos olhos do Doutor, personagem que, descobre-se depois, é natural da Ilha Terceira, viúvo e dono de um diploma adquirido em Coimbra.

Como se pode ver, o Doutor Gaspar não formava a grande massa de colonos. Ele vivia o drama dos patricios, mas a formação que tinha e a posição que ocupava faziam-no compartilhar a mesa com generais e governadores. O Doutor se diferenciava pelos seus olhos sensíveis – forjados pela vivência infortunada nas Ilhas ou pelas leituras românticas. Tal

¹ A entrevista, que compõe a seção *Pódium*, foi concedida a O.W. e se encontra no Acervo Luiz Antonio de Assis Brasil, abrigado no Delfos- Espaço de Documentação e Memória Cultural, da PUCRS. O documento é formado por uma folha retirada do restante do jornal e leva o número de tomo 0288.

² Outros dois mitos foram alvo de Assis Brasil: *A prole do corvo*, 1978, trata da Revolução Farroupilha e *Bacia das Almas*, 1981, trata da influência positivista e do autoritarismo dos chefes políticos no Rio Grande do Sul dos primeiros quarenta anos da República. A ideia dos mitos foi retirada de Volnyr Santos: *Aspectos políticos na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil*, 1992, p. 28.

sensibilidade resulta na produção do diário, veículo de análise dos problemas individuais e coletivos.

Além de estarem precedidos e sucedidos por notas de um editor de 1780, os escritos do Doutor estão divididos em três cadernos marcados por data de início e fim. O primeiro deles, que cobre a viagem dos Açores até o Desterro (atual Florianópolis), vai de 2 de janeiro de 1752 até 3 de março de 1752; o segundo vai de 4 de março de 1752 até 10 de junho de 1752 e compreende a chegada dos imigrantes a Rio Grande, seu estabelecimento em caráter provisório e o envolvimento de Gaspar com Dona Maria das Graças; o terceiro, que traz o desenlace do relacionamento amoroso, o processo de demarcação das fronteiras entre Portugal e Espanha e a loucura do Doutor, vai de 10 de fevereiro de 1753 até 20 de junho de 1753.

As notas têm importância para se conhecer três eventos: o percurso do diário, chegado às mãos do editor através de um religioso carmelita; a conservação da “maneira estranha de escrever que usava o infortunado cirurgiam”,³ das coisas que “pareceram desatinadas ou indecentes” (p.205); a escolha do título, “posto que nam se vio ainda obra sem titulo uzamos as ultimas palavras do Terceiro Caderno: Um Quarto de Legoa em Quadro” (p.8); o fim trágico do Doutor.

Ainda é relevante saber, sobre os escritos do Doutor, algumas informações. Nem todos os dias do período englobado pelos cadernos são registrados. A escrita dos dias é irregular, indo de uma linha a várias páginas. Cartas recebidas ou não enviadas pelo protagonista também se encontram em meio aos relatos diários.

Na tessitura das considerações sobre *Um quarto de légua em quadro*, dois pontos têm de ser levados em consideração: o Doutor e a colonização. É no cruzamento e na confluência desses aspectos que o livro se constrói e pousar os olhares sobre eles, em diferentes momentos, pode ser um interessante exercício literário e histórico.

2 Caminhos do Doutor

O Doutor Gaspar é testemunha de um momento histórico marcante, mas sua importância não se dá, apenas, pela sua função de escriba dos acontecimentos. O protagonista é complexo, trágico e apresenta algumas facetas ao longo da obra.

³ BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Um quarto de légua em quadro* – Diário do Doutor Gaspar de Froes, médico. Açores: Editora Movimento e Direção Regional da Comunidades, 2005, p. 8. Doravante, as indicações ao livro serão feitas apenas pelo número da página, inserido no corpo do texto, entre parênteses.

Vejam-se os caminhos de Froes, sem clareza no início e desvelados aos poucos. Primeiro, a informação de que ele vai até o Brasil ilegalmente, pois o transporte deveria contemplar apenas colonos. Depois, o porquê da partida para o Brasil: morte da mulher e do filho. Já não era só o diploma e os livros que separavam o Doutor da massa humana que o cercava. Enquanto os colonos partiam para o futuro, ele deixava o passado.

No Desterro, a vida do Doutor tem a surpresa de Dona Maria das Graças, mulher *rara* (p. 48), daquelas não vistas no meio da colonada e da miséria. D. Maria é dada a leituras e conversas sobre a situação dos açorianos. Tem opinião e marido, Tenente Covas, militar, também raro – cheio de incompetência, (p. 48). O matrimônio de D. Maria não impede seu envolvimento com o Doutor, que se refere ao fato em poucas palavras: “Aconteceu naturalmente. Com a normalidade com que as estações se sucedem.” (p. 79)

O único encontro sexual entre os amantes gera uma gravidez. O Doutor sofre pela traição e pelo seu fruto. Por quaisquer desses desígnios que ocorrem na vida – e para alívio do estéril Covas –, a criança não vinga. No dia 15 de março de 1753, o Doutor escreve sobre o fato resumida e tocantemente:

Quase um mês, ausente desse caderno.
Não por falta de ter o que escrever, que muito teria.
Resumirei. Morreu.
Ao nascer, enforcado no cordão. Condenado à pena capital, pela pena de ser meu filho. (ASSIS BRASIL, 2005, p. 164)

A traição e a morte da criança pesam no Doutor. Ele também se sentia responsável pelo falecimento da esposa e do outro filho, o das Ilhas. Une-se, à culpa por essas tragédias individuais, a impotência diante da tragédia coletiva da qual faz parte e descreve. A culpa e a impotência parecem levar Gaspar à loucura. Sobre isso, em uma das primeiras críticas a *Um quarto de légua em quadro*, Antonio Hohlfeldt (1976, p. 7) diz: “cabe ao leitor aceitar ou não a loucura de Froes”.

No mesmo trabalho, Hohlfeldt também levanta a ideia de que não havia garantias da sanidade mental do Doutor antes de seu desaparecimento. Por isso, poderiam pairar suspeitas quanto aos seus relatos da colonização. Mas a questão principal, segundo o mesmo crítico, é: por mais inverossímeis e passíveis de dúvida que sejam os episódios narrados pelo homem taxado de louco, eles efetivamente aconteceram.

3 Improvisação colonizadora

Em trabalho sobre a colonização açoriana no Rio Grande do Sul, Wiederspahn (1979, p. 15) fala de alguns fatos que motivaram a viagem dos ilheenses para o Brasil – situação calamitosa das Ilhas, desastres naturais, superpovoação, colheitas insuficientes.

Diante desse cenário, e instigado pelos pedidos dos moradores das Ilhas, em 1746, o então rei de Portugal, D. João V, determinou que “fossem transportados para o Brasil 4.000 casais açorianos e também madeirenses”. Além da autorização, o rei fez publicar um edital expondo as “condições mínimas” e as “vantagens” para aqueles que pretendessem ir ao Brasil: os homens não poderiam ter mais de quarenta anos e as mulheres mais de trinta; a viagem se daria por conta da Fazenda Real; terras abundantes seriam distribuídas, assim como espingardas, ferramentas, sementes, animais domésticos, mantimentos e farinha durante o primeiro ano; ainda por cima, haveria ajudas de custo em dinheiro e isenção do serviço militar em tropa de linha (WIEDERSPAHN, p. 15-16).

Para quem vivia em tão má situação, as promessas do edital soavam como “esperança num além e num amanhã” (MATTOSO, 1998, p. 106). Seduzidos pela esperança, os açorianos começaram a embarcar para o sul do Brasil em 1747. Eles não deviam ter a menor desconfiança dos trabalhos e miséria pelos quais passariam. Também não suspeitavam que o edital e a palavra do rei seriam minimamente cumpridos.

As primeiras viagens foram trágicas. A sede, a fome, a mortandade e o tratamento aos colonos chegaram a graus absurdos. Tal foi o fracasso dessas travessias que o responsável pelo transporte, Feliciano Velho Oldenberg, teve seu contrato rompido pelo governo português (WIEDERSPAHN, 1976, p. 20-21)⁴.

Apesar das mudanças ocorridas no traslado dos colonos, em 1752 as viagens continuavam sofríveis e rodeadas de morte. Em *Um quarto de légua em quadro*, algumas passagens ilustram a dificuldade da jornada.

Aguiar, criado de Froes, reclama da sede e da fome:

Enquanto retirava o baú, Aguiar queixava-se: “Que isso de comida anda ruim! Os colonos, então, mal conseguem um pedaço de peixe seco de vez em quando. E água! Imagine... a gente por cima do mar e com falta de água de beber. É um pouquinho cada dia, e chupem os dedos. Se soubesse que era tão má a travessia, não teria vindo! Ah, não teria! E a Inácia, que ficou chorando, coitada...”. (ASSIS BRASIL, 2005, p. 12)

Já o Doutor, em diálogo com o Capitão Eleutério sobre um velho com mal-de-luanda, fala das mortes:

⁴ O autor chega a citar que as mulheres viajaram enjauladas para evitar o contato com os homens.

-Morre será? [Capitão]
-É quase certo. Já o mandei para baixo.
-E mais esta, agora!
-Se morrer será o sétimo, desde que saímos. Até chegarmos completaremos umas duas dezenas. Bom número, não?
-Pelo amor de Deus! Mas não se pode fazer nada?
-Só o que se pode. (ASSIS BRASIL, 2005, p. 14)

Falta de água e de alimentação adequada, assim como transporte deficitário, elucidam o fraco planejamento, por parte do governo português, do processo colonizador. Pensando nisso, é interessante trazer à tona José Mattoso (1998, p. 107), que cita a “incapacidade de planejamento dos portugueses, aliada ao talento para a improvisação”.

A colonização açoriana no sul do Brasil foi um notório imprevisto, uma “embrulhada” (p. 139), como dizem alguns personagens de *Um quarto de légua em quadro*.

A primeira grande improvisação, como se viu, foi a do transporte – note-se, também, a declaração que o Doutor Gaspar faz sobre “uma verdadeira multidão, socada dentro de uma caixa de noz” (p. 14). A segunda foi a do alojamento e estabelecimento dos imigrantes.

Quando desembarcaram no Desterro, esfomeados uns e doentes outros, os colonos tiveram de ser distribuídos para onde desse. O Doutor anota isso em seu diário: “Fora, há uma multidão, amontoada pela vila. O coronel Escudeiro desdobra-se para arrumar lugar onde meter os novos hóspedes. Nas casas – pouquíssimas – não há lugar, e o jeito é ir fazendo das igrejas hospedarias, assim como dos quartéis” (p. 38).

Aliada à carência de abrigos estava a fome, que descera junto dos barcos. Havia pouca diversidade de cultivos no Desterro, o resultado das plantações não era grande e o gado requisitado ao Rio Grande do Sul também nunca era enviado. Nessa primeira parada, os açorianos começaram a desconfiar do lugar definitivo para onde iriam e do cumprimento das promessas do edital.

Já em 1747, o governo português pretendia mandá-los para o sul, mas havia negociações com a Espanha e os territórios da Colônia do Sacramento e dos Sete Povos das Missões estavam em jogo. Com o Tratado de Madrid, de 1750, estabeleceu-se que Portugal anexaria aos seus domínios os Sete Povos das Missões e, em troca, a Espanha ficaria com a Colônia de Sacramento. Por esse acordo, o destino dos açorianos estava traçado – pelo menos no papel.

Em debate com o coronel Escudeiro, o Doutor se refere às decisões tomadas à distância física e humana:

[...] Tudo determinado de Lisboa, nós aqui apenas obedecendo. Fácil, muito fácil, tomar um mapa desta parte do mundo e, nas salas do Conselho Ultramarino, ir riscando, rabiscando, dispondo da vida de milhares de pessoas como se fossem meros números. (ASSIS BRASIL, 2005, p. 47)

A leva na qual Assis Brasil insere o Doutor estava direcionada para os Sete Povos, embora os principais interessados não soubessem. Por isso, depois do Desterro, eles foram levados a Rio Grande, então povoamento precário, formado por um presídio, no qual os colonos foram alojados, e por um pouco casario. De Rio Grande, eles poderiam ir para Viamão, o Porto de Viamão e, quando fosse possível, as Missões.

Os dizeres do coronel Pascoal Azevedo, em conversa com o Doutor, são representativos no tocante ao alojamento dos portugueses em Rio Grande e, principalmente, ao dom improvisatório dos portugueses: “Não sei, por exemplo, onde pôr os outros que vierem, e que talvez até já estejam a caminho. Espero que não me falhe a capacidade de improvisar, que sempre foi uma virtude dos portugueses históricos.” (p. 151).

Diante das idas e vindas, o Doutor afirma sobre os colonos: “Já nem se interrogam muito. Aceitam. Tocados de lá para cá, como gado manso. A viagem foi um noviciado. Pôs por terra tudo o que poderiam ter de dignidade. Agora, só obedecer.” (p. 37).

Em muitos momentos do livro há mostras de: resignação (“Melhor conformar-se, Lorvão, com qualquer coisa que digam que devem fazer. Vocês dependem em tudo das autoridades: até para comer e vestir”, p.170; “El-Rei mesmo nos abandonou”, p.172) e “desânimo geral” (p. 75). Ainda junto a esses, logo o tradicional grito de pouca sorte, ao qual Eduardo Lourenço se remete (1982, p. 130), começou a surgir entre os açorianos:

-*Coisa má* não existe, homem! [Doutor,]
-Existe sim, excelência. Anda sempre rondando o povo. É um milho que seca antes de dar o grão, é um fato novo que se rasga, uma amoringa nova que se quebra. – Falava ciciando.– Tudo obra da *coisa má*. Pélo-me de medo só de pensar que ela nos vem seguindo desde que embarcamos nas Ilhas... [José Gomes Brum]. (ASSIS BRASIL, 2005, p. 143, grifos do autor)

Apesar de estarem obedientes e resignados quanto às “viagens” de lá para cá, eles não deixavam de perguntar aos generais, aos coronéis e a si mesmos: “quando ganharemos as terras?” (p. 68).

O problema do estabelecimento dos colonos se dava por três motivos principais: a demarcação dos limites entre Portugal e Espanha caminhava lentamente (o Doutor chega a fazer parte do grupo incumbido dessa tarefa); a área formadora do território rio-grandense estava, na sua maior parte, ocupada por estancieiros, em geral antigos militares portugueses

cujo pagamento pelos “serviços” prestados à pátria se deu em sesmarias – largas extensões de terras nas quais cabiam alguns quartos de légua em quadro; as Missões se encontravam sob o domínio dos índios, que relutavam a abandonar os povoados.⁵

Por tais questões, o estabelecimento definitivo dos açorianos ocorreu morosamente. Pesavento afirma, sobre isso: “os ‘casais d’El Rey’, uma vez chegados, espalharam-se irregularmente, ficando quase 20 anos sem receber as terras prometidas” (1994, p. 16).

4 Obra humana

Ainda que *Um quarto de légua em quadro* – Diário do Doutor Gaspar de Froes tenha bebido na fonte da matéria-prima histórica, ele não é, como diz Tarso Genro (1977, p. 6), um mero *crônica* da colonização açoriana no sul do Brasil. Os diários proporcionam uma história individual, a do Doutor, e, ao mesmo tempo, uma coletiva, a dos açorianos. Antonio Hohlfeldt (1976, p. 7) expressa melhor essa ideia quando fala do livro como “uma narrativa complexa, em que os sentimentos individuais expressam, na verdade, o coletivo”.

O Doutor Gaspar é o agente que expressa, em seus escritos, os improvisos e as desgraças de um processo colonizatório insensível às necessidades e aos sonhos de um povo; é o espelho das infelicidades e esperanças humanas.

Referências

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Um quarto de légua em quadro* – Diário do Doutor Gaspar de Froes, médico. Açores: Editora Movimento e Direção Regional da Comunidades, 2005.

GENRO, Tarso. Assis Brasil e a tragédia colonial. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 6, dez. 1977.

HOHLFELDT, Antonio. Dois aspectos do Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, nov. 1976.

LOURENÇO, Eduardo. Somos um povo de pobres com mentalidade de ricos. In: LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Quixote, 1982.

⁵ A relutância indígena foi um dos fatores que levou às Guerras Guaraníticas, conflito no qual os índios das Missões se opuseram aos militares portugueses e espanhóis (WIEDERSPAHN, p. 48).

MATTOSO, José. *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

SANTOS, Volnyr. Aspectos políticos na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 27, n 1, p. 25-32, jun. 1992.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1979.